

A caligrafia árabe como depositária do pensamento e dos sinais de Deus

Aida Hanania¹

Resumo: Notas de conferência – ainda inédita - no IX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação, 26-9-2009. Discute alguns aspectos da teologia árabe-islâmica: imagem e palavra; palavra escrita e caligrafia etc.

Palavras Chave: Alcorão. arte árabe. caligrafia. imagem.

Abstract: Notes of a lecture in the IX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação (2009). It discusses some aspects of Arabic-Islamic arts. Image and word, written word and calligraphy etc

Keywords: Koran, muslim theology, calligraphy, image.

O significado da existência para o oriental não-raro está contido em parábola, em provérbio (**mathal**) cujas formulações simples tocam de perto o homem em seu cotidiano, em seu interior, facilitando assim a interpretação dos Sinais que representam.

Extremamente adequadas, por seu conteúdo elucidativo, as considerações que faz Lauand² a esse respeito:

*“Deus fez deste mundo um grande **mathal** para o homem. Pois Deus se comunica através de **sinais**. Sinais são não só prodígios portentosos, mas também as coisas corriqueiras do mundo e o próprio mundo como um todo é um sinal. Do radical ’ - L -M derivam as palavras árabes ‘mundo’ e ‘sinal’, ‘marco’. E não por acaso, Jean-Paul Sartre identifica seu ateísmo com a sentença: ‘Não há sinais no mundo’.*

E o Alcorão não se cansa de repetir: ‘... nisto, certamente, Allah estabeleceu sinais para quem está disposto a refletir’. Nisto: ‘Na criação dos céus e da terra e na sucessão da noite e do dia’ (III, 190). ‘Ao fazer as estrelas para que possais dirigir-vos por elas entre as trevas da terra e do mar’ (III, 97). ‘Ao fazer descer água dos céus, e que as árvores frutifiquem e dêem cachos ao alcance da mão’ (III, 99). ‘Foi Ele quem fez do sol claridade e da lua luz. Quem determinou as fases da lua para que saibais o número de anos e o cômputo. Allah não criou isto senão com um fim. Ele explica os sinais aos que sabem’ (X, 5). Etc., etc., etc.

*Assim, Allah que é Sutil, **Latyf** (XXXIII, 34), fala por sinais, parábolas e metáforas: ‘Ele fez descer do céu a água, que desliza pelos vales, segundo sua capacidade. A torrente arrasta uma espuma flutuante, semelhante à escória que se dá na fundição para fabricar jóias ou*

¹. Profa. Titular Aposentada do Depto. de Letras Orientais da FFLCH-USP. aida.hanania@gmail.com

². Lauand, Jean - *Oriente e Ocidente 4 - Provérbios Árabes*, Centro de Estudos Árabes, DLO/FFLCHUSP, 1.994, p. 51 e ss.

*utensílios. Assim fala Allah em **mathal** da Verdade e do falso: a espuma se perde e fica na terra o que é útil para os homens. Desse modo, Allah propõe os **amthal** (XIII, 17). Allah não se envergonha de falar em **mathal**, mesmo que se trate de um mosquito. Os que crêem, sabem que é a Verdade, que vem de seu Senhor; os que não crêem, dizem: 'Que poderá significar este **mathal**?'. E, assim, Ele extravia a muitos e, do mesmo modo, encaminha a muitos. Mas não desencaminha dessa forma senão aos perversos' (II, 26).*

*O Alcorão afirma que, até através de um mosquito, Deus fala ao homem por **amthal**; já o Velho Testamento remete à formiga: 'Vai, preguiçoso, vai ter com a formiga, observa o seu proceder, e torna-te sábio' (Prov 6, 6). E Cristo convida a aprender a sabedoria de Deus, olhando os lírios do campo, as aves do céu e o mundo em geral: 'Aprende da figueira o **mathal**...' (Mc 13, 28). E o Apóstolo diz: 'Na lei de Moisés está escrito: 'Não atarás a boca ao boi que debulha'. Mas, acaso Deus se ocupa de bois? Não é, na realidade, em atenção a nós que Ele diz isto?' (I Cor 9, 9-10)."*

A presença de *sinais* é inextricável da presença de Deus e de Sua palavra. Berço das três grandes religiões monoteístas, o Oriente compreendeu profundamente esta verdade.

Proeminente no Islão, entretanto, a questão dos sinais extrapola o plano alcorânico para inserir-se notadamente na tradição árabe que, sob este aspecto, tem na literatura, uma de suas páginas mais privilegiadas: a célebre Khutbah de Qus Ibn Sa'ida que impressionou vivamente Muhámmad e Abu-Bakr³ e que se constituiu, muitos anos antes do Islão, em um hino aos sinais de Deus. O tema, a partir da Khutbah é assim discutido por Helmi Nasr⁴.

*"O Alcorão, a cada passo, fala da multiplicidade de sinais de Deus, invisíveis somente para quem não os quer ver. E, mesmo na tradição literária pré-islâmica, encontramos esta mesma constatação: a eloqüente onnipresença dos sinais de Deus, **audíveis** (grifo nosso) tanto na grandeza, como na contingência do mundo.*

*É disso que nos fala o grande orador e poeta do século VI, Qus Ibn-Sa'ida, em sua **Khutbah**⁵, uma das mais preciosas peças de toda a literatura árabe. A peça, misto de discurso e poesia, obteve o primeiro prêmio na feira de 'Ukaz, um dos mais importantes concursos literários públicos da época.*

O autor dirige-se aos membros de sua tribo, Iyad, convidando-os a ler a mensagem escrita nos céus, na terra e na contingência humana (grifo nosso):

*Ó gente! Ouvi e meditai!
É certo que quem vive, morre
E quem morre, finda*

³. Muhámmad, discursando em 'Ukaz mencionou-a e Abu-Bakr, sem vacilar, reproduziu-a na íntegra. O caso é citado pelo conhecido teólogo Léonce de Grandmaison em "Le style oral", *Etudes*, 183 (1.925), p. 693 e ss., cit. por E. Bittencourt - *Para entender os Evangelhos*, Rio de Janeiro, Agir, 1.960, pp. 75-76.

⁴. "A Contingência na Khutbah de Qus Ibn - Sa'ida" - Lauand, Jean (org), *Oriente e Ocidente 2 - Filosofia e Arte*, Centro de Estudos Árabes, DLO/FFLCHUSP, 1.994, p. 53 e ss.

⁵. **Khutbah**, discurso, é um dos gêneros literários presentes já na Literatura pré-islâmica. A análise desta peça do ponto de vista poético foi feita por Hanania, Aida R. e Lauand, Jean em *Oriente e Ocidente - Língua e Mentalidade*, op. cit., p. 11 e ss.

*E o que tiver que ser, será.
 (Contemplai...) A noite escura
 O dia sereno
 O céu, com suas constelações!
 E estrelas, que brilham
 E mares, que se agitam
 Montanhas assentadas
 A terra, que se estende
 Rios que correm
 Não vedes que no céu há notícias
 E na terra, sinais?
 Por que será que os que se foram⁶ não voltam?
 Será que estão satisfeitos e, por isso, lá ficaram?
 Ou então, porque ninguém cuidou de despertá-los, permanecem adormecidos?
 Ó tribo Iyad: onde estão nossos pais, onde os avós?
 Onde o poder dos faraós?⁷
 Acaso sois mais ricos do que eles?
 Ou vossa vida, mais longa do que a deles?
 (E, no entanto) Foram esmagados pelo peso dos anos
 Rasgados ao meio pelo fluir do tempo.*

*Neste ir-se das antigas gerações, há para nós luz interior
 Quando vi ondas de morte chegando, sem que saibamos de onde procedem
 E vi meu povo ser por elas tragado, tanto os pequenos como os grandes!
 E vi que não volta o passado, nem retorna quem se foi
 Então me convenci de que também eu irei para onde meu povo está...”*

Sinais. Também nesse sentido, a arte caligráfica — mais do que qualquer outra arte — reflete a visão de mundo alcorânica: as relações entre Deus e o homem e Suas mediações por via da Criação. A concepção islâmica de Deus espelha-se na Caligrafia, na medida em que se legitima como seu veículo maior de comunicação. É através da Caligrafia que a Palavra perpetua seu caráter divino, permanecendo como **expressão verbal** “*tão instantânea quanto imaterial, na semelhança do ato da criação*”⁸

Esta dimensão filosófico-religiosa radica, inevitavelmente, a Caligrafia na base da teologia muçulmana. O caráter desta relação profunda ressaltará sempre na arte caligráfica, mesmo quando dessacralizada ou utilizada de outro modo (como faz Massoudy, por exemplo, ao promover, por meio de sua arte, o teor humanístico do pensamento): pela reverência do traço, magnificência do estilo, solenidade do gesto e significativa presença da cor. Sobretudo, pela estrutura física da escrita (privilegiada pela enorme plasticidade de que são dotados os caracteres árabes) realizando-se pela ordenação das letras em duas disposições: uma vertical que conduz à ascese, representada principalmente pelo **alif** e pelo **lâmm** e outra, horizontal, que as junta, tecendo a unidade e o ritmo⁹ que virá a configurar o signo estético, seja ele de cunho religioso ou não. A sacralidade, porém, passa a, necessariamente, integrá-lo.

⁶ Morreram.

⁷ Séculos depois, os faraós ainda eram o símbolo do maior poder humano.

⁸ Cf. T. Burckhardt - *Sacred Art in East and West*. London: Perennial Books, 1986, p. 117.

⁹ H. Massoudy parece referir-se a esses fatos quando procura interpretar o impacto provocado pela Caligrafia como arte sacralizada: “(...) Um súbito emaranhado ou agrupamento de letras provoca o movimento, rompe o silêncio e precipita o sentido. Assim, por exemplo, o ritmo vertical da escrita é marcado principalmente pelo **Alif** e pelo **Lâmm**. Nos edifícios religiosos, a Caligrafia se desenvolve

No contexto que reúne a escrita com a Palavra, tomando o Livro como templo, situam-se os estudos alcorânicos centrados em torno do conceito ultra-essencial de **áyat** que comentaremos a seguir¹⁰.

Recordemos inicialmente a absoluta transcendência de Deus no Islão. Allah está além da compreensão humana. É *invisível* para o homem. Ele e suas obras. A raiz **gh-y-b** significa em árabe, invisibilidade; em certo sentido, ocultamento, ausência em termos de “ausência para” (*quoad nos*) pois, na verdade, Allah está mais próximo do homem do que sua veia jugular (50, 6).

Assim se reafirma por todo o Alcorão: “A Allah pertence o invisível (**ghayb**) dos céus e da terra”, quer se trate da hora do juízo (16, 77), do que se encerra no coração dos homens (49,18), mas até mesmo do que são as criaturas (os “nomes”, as essências dos entes) (2, 33).

O que para o homem está oculto, para Allah é claro: está em **Kitab Allah**, o Alcorão — insuperado e insuperável¹¹ está escrito (também no sentido de destino - **maktub!**)¹². “Não sabes que Allah sabe o que está no Céu e na Terra? Está num livro. É fácil para Allah” (22, 70). Assim, está no livro de Allah que o número de meses é doze (9, 36); o nascimento e a morte de cada um (35, 11); o sustento de cada animal (11, 6) etc. Enfim: “Não há nada na terra nem no céu que se esconda de Allah” (3, 5).

Podemos agora compreender melhor as abrangentes considerações de Flusser que retomamos.

“Deus se manifesta escrevendo e o homem se aproxima de Deus, lendo aquilo que está escrito. Se o olho físico e mental do homem acompanha atento as curvas da letra, seu espírito é elevado em curvas até o espírito universal.

A letra não é apenas um sinal que reproduz, pictoricamente, um som da língua falada. Ela é um símbolo de múltiplos significados. Tem, por exemplo, um valor numérico e, como tal, forma o elemento do mundo da álgebra, desse método do conhecimento quantitativo. Tem um valor místico e, como tal, forma um elemento do mundo das cifras, desse método do conhecimento por decifração disciplinada. Ela tem um valor musical e constitui um elemento do mundo do encantamento. Tem um valor ideográfico e, como tal, é um elemento do mundo das idéias eternas. Tem um valor plástico, e como tal, forma um elemento do mundo estético de vivência imediata.

como uma obra musical. Ela é espantosa. Só um olhar mais aplicado permite tomar consciência do ritmo e da cadência, elementos essenciais. A Caligrafia enquanto escrita é mensagem. É uma mediadora que nos une ao passado; enquanto mensagem religiosa, mediadora entre o céu e a terra; e sempre, prazer para a vista”. Calligraphie Arabe Vivante, Paris, Flammarion, 1.981, p. 5

¹⁰. Para esta finalidade, apoiar-nos-emos nas discussões desenroladas a partir dos seminários coordenados pelo Prof. Dr. Jean Lauand — dos quais participamos — dirigidos a seus alunos.

¹¹. Sobre a insuperabilidade do Alcorão, Khatibi e Sijelmassi retomam o pensador árabe Nazzâm (morto em 845/231 a.h.), citando pela obra de A. Badawi, *Histoire de la Philosophie en Islam*, vol. I, Paris, Urin, 1.972: “A composição do Alcorão e a beleza de sua prosa não são um milagre do profeta, nem uma prova da verdade de sua missão profética. Mas, o que prova a verdade de sua missão é que o Alcorão contém revelação das coisas ocultas (grifo nosso). Quanto à composição e à beleza de prosa, os homens são capazes de produzir peças semelhantes e mesmo mais belas ” - *L’Art Calligraphique de l’Islam*. Paris: Gallimard, 1994, p. 24.

¹². Lemos em 2, 187: “Buscai o que Allah vos prescreveu”; em 2, 246: “Quando se vos prescreveu o combate”; em 3, 21: “Povo entrai na Terra Santa que Allah nos predestinou”; em 58, 21, Allah escreveu: “Vencerei Eu e meus enviados”; em 59, 3: “Allah decretou seu desterro”.

É preciso sorver a letra em sua concreção compacta, se quisermos compreender a plenitude do termo ‘verbo encarnado’. Deus está encarnado na letra. A letra e a escrita são o aspecto fenomênico e compreensível de Deus. Deus escreve. A palavra árabe que significa escrever consiste das letras ‘**K - T - B**’ e estas letras denotam a atividade divina. Denotam, com efeito, o próprio fundamento da realidade que cerca o homem. Aquilo que é, é porque ‘assim está escrito’.

Estar escrito é o seu destino. ‘**K - T - B**’ significa destino. Mas o homem transcende a sua realidade pela capacidade da leitura. A realidade é um livro a ser lido pelo homem. Pode ser algebricamente quantificada. Pode ser misticamente decifrada. Pode ser desencantada”¹³.

Ao domínio do **Ghayb**, opõe-se o da **Shahádah**. A **Shahádah** principal — e que avaliza todas as outras — concretiza-se na afirmação **La Iláh illa Allah**, cerne do texto alcorânico e que, escrevendo-se com **alif** e **lám**, destaca-se como a mais proeminente das caligrafias.¹⁴



A *shaháda*, caligrafada por Massoudy

“A *Caligrafia enquanto escrita* — conforme salienta Massoudy — é mensagem. É uma mediadora que nos une ao passado; enquanto mensagem religiosa, mediadora entre o céu e a terra”.¹⁵

Nesse sentido, pode-se compreender o juízo de Gardet e Anawati, referente aos métodos do **kalám**, que se apóia no princípio incontestado de que o *visível* aponta para o *invisível*: “Trata-se sempre de passar do fato ‘presente’, da testemunha (*sháhid*) ao ausente (*ghayb*)”.¹⁶

Dada a absoluta transcendência de Deus, o homem depende da Revelação. Não por acaso, a raiz árabe de *revelação* (**N - Z - L**) é a mesma de *descer*, *fazer descer*. É como se a Revelação fosse um *descer* do Altíssimo a nosso mundo, “como a água que Allah faz descer do céu”. Neste, como em muitos outros casos, os fenômenos semânticos próprios da língua árabe são altamente significativos. O mais decisivo destes fenômenos é o que se verifica com a palavra **áyat** que apresenta duplo

¹³. Cf. artigo “Ex Oriente Lux”, citado por Lauand, Jean, op. cit., pp. 31-35.

¹⁴. Como está estampado na bandeira da Arábia Saudita.

¹⁵. *Calligraphie Arabe Vivante...* op. cit. (cf. nota 53).

¹⁶. Gardet, L. e Anawati, M. M. - *Introduction à la Théologie Comparée*, Paris, Vrin, 1.981.

sentido: ao duplo “escrever” de Deus — Deus *escreveu/revelou* (fez descer a nós/*názzala*) o Alcorão e o mundo — corresponde o duplo sentido da palavra **áyat** que se refere tanto a *versículo* como a qualquer outro sinal.

Num mesmo versículo, temos exemplos das duas ocorrências: “*Estes são os sinais (versículos) de Allah que recitamos conforme a verdade. E em que anúncio vão acreditar, se não crêem em Allah e Seus sinais?*” (45, 6).

Assim, também:

“*Nesta sura revelamos (anzalna) sinais (versículos) do livro claro; revelamo-los como Qur’an árabe. Talvez assim raciocineis*” (12, 1-2).
“*Na criação dos céus e da terra e na sucessão da noite e do dia; nas naveas que sulcam o mar no que são úteis aos homens; na água que Allah fez descer (ánzala) do céu, vivificando a terra depois de morta, disseminando por ela toda classe de animais; na variação dos ventos, nas nuvens sujeitas entre o céu e a terra, há sinais para os que pensam*” (2, 164).

Áyat/ayát registra-se 372 vezes no Alcorão como **sinal de Deus**.

Cabe ao homem, pois, esforçar-se por ler convenientemente, tentar decifrar esses *sinais*, dirigidos ao crente, ao convicto, àquele que reflete, que pensa, que ouve, que vê e que teme a Deus, para usar apenas algumas das expressões utilizadas no Alcorão. São claras e reiteradas as recomendações nesse sentido, presentes no Livro Sagrado, “*Escritura cujos sinais foram explicados como Qur’an árabe para os que sabem*”. (41, 3):

“*Comei e apascentai vossos rebanhos. Há nisto, certamente, sinais para os dotados de entendimento*” (20, 54).
“*Ele quem fez para vós as estrelas, para que possais dirigir-vos por elas entre as trevas da terra e do mar. Expusemos, assim, os sinais para o povo que sabe*” (6, 97).
“*Não é sugestivo que tenhamos feito perecer tantas gerações precedentes, cujas vivendas eles ocupam agora? Certamente, há nisso, sinais, para os dotados de entendimento*” (20, 128, afirmação retomada em 32, 26).
“*Ele é Quem fez descer água dos céus. Por ela as árvores frutificam e dão cachos ao alcance da mão. E hortos plantadas de vides e os olivos e as romãzeiras parecidos e diferentes. Olhai o fruto que dão e como amadurecem. Certamente, há nisto sinais para o povo que crê*” (6, 99).
“*Ele Quem fez do sol, claridade e da lua, luz. Quem determinou as fases da lua para que saibais o número de anos e o cômputo. Allah não criou isto, senão com um fim. Ele explica os sinais a quem sabe*” (10,5).
“*Na sucessão da noite e do dia e em tudo que Allah criou nos céus e na terra, há, certamente, sinais para quem O teme*” (10, 6).

Interpretando os princípios alcorânicos, Flusser¹⁷ — entre filósofo e poeta — considerou com muita sensibilidade a presença de Deus para o muçulmano:

¹⁷. No excelente e fundamental artigo “Ex Oriente Lux”, op. cit., p. 31 e ss.

“Deus se manifestou duas vezes. É autor de dois livros. O primeiro deles é a natureza, o segundo é o Alcorão. Mas os dois livros, embora de forma diferente, são idênticos quanto ao conteúdo.

Com efeito, o Alcorão é o código que permite ao homem decifrar a natureza. Deus, em sua misericórdia infinita, confiou o Alcorão a Seu profeta, para que o homem possa decifrar a natureza e, desta forma, transcendê-la. O estudo do Alcorão é uma iniciação ao estudo da natureza. O estudo da natureza é uma procura de Deus. Os fenômenos naturais são cifras que significam Deus. O Alcorão fornece os testes de verificação para os esforços decifradores da pesquisa da natureza. O homem pode comparar a natureza ao Alcorão, porque sua mente participa do espírito divino. A origem divina da mente humana é vivenciada justamente por sua capacidade de adequação do Alcorão à natureza. Por sua capacidade algébrica e decifradora, a mente humana tem a estrutura da mente divina.

*Por certo, o conhecimento divino é infinito e o conhecimento humano é limitado. Isto porque Deus escreveu tudo; o homem, pode apenas ler sucessivamente. O olhar da cristandade medieval fixa-se sobre Deus nas alturas; o do Islão medieval, sobre Deus na natureza. O estudo da natureza, **physis**, é, no entanto, uma procura daquilo que a natureza significa. É uma procura do **metá té physiké**, no sentido aristotélico do termo.*

*A pesquisa da natureza não é, portanto, ciência no significado moderno do termo; é uma forma de teologia. É por isto que observatórios astronômicos fazem parte da mesquita. O **muezzin** observa os astros, faz calendários, estuda o corpo humano e circunavega a África, para decifrar a natureza e para descobrir Allah. Neste sentido, as pesquisas islâmicas estão mais próximas da alquimia (aliás, um termo árabe) que da ciência moderna”.*

Muito embora seja evidente a onipotência e onisciência de Deus, existem os infiéis; e mesmo aqueles que, envolvidos pela soberba e pela descrença, desprezam os *sinais*, demonstrando como que um analfabetismo espiritual que os impede de enxergar e compreender a respeito de si e de seu mundo. Certamente, terão estes a recompensa adequada:

*“Ninguém recusa Nossos **sinais**. A não ser os infiéis” (29, 47).*

“Se Allah vos privasse do ouvido e da vista e selasse vossos corações, que outro deus, senão Allah, poderia devolvê-los? Veja como expomos os versículos. Ainda assim, eles se afastam”. (6, 46).

*“Disseram (a Moisés): qualquer que seja o **sin**al que tragas para enfeitiçar-nos, não creemos em ti”. (7, 132, afirmação retomada em 7, 146).*

*“Enviamos sobre eles inundações, gafanhotos, piolhos, rãs e sangue, **sinais** que se podem distinguir. Mas foram altivos, eram gente pecadora” (7, 133).*

*“Afastarei de Meus **sinais** aqueles que se ensoberbecem sem razão na Terra. Seja qual for o **sin**al que vêem, não crêem nele. Se vêem o caminho da boa direção, não o tomam como caminho, mas se vêem o caminho do desvio, este, sim, tomam-no como caminho. E isto é assim, porque desmentiram Nossos **sinais** e deles não fizeram caso” (7, 146).*

*“Vãs serão as obras daqueles que desmentiram Nossos **sinais** e a existência da outra vida. Poderão ser retribuídos por outra coisa, senão pelo que fizeram?”* (7, 147).

*“Vingamo-nos deles, afogando-os no mar por haverem desmentido Nossos **sinais** e por desprezarem-nos”.* (7, 136).

Há que laborar, o homem, no sentido de superar suas limitações e tentar continuamente ascender ao plano divino, ser capaz de ler o que Deus escreveu... Pois, se o homem é ignorante e é o *ser que esquece*, Deus é o que sabe e *não esquece*.

O Alcorão insiste no “esquecimento” como característica marcante do ser humano (19, 67): *“Não lembra o homem que já antes, quando não era nada, o criamos?”*, à qual opõe a plena lembrança de Deus (20, 50-52):

“Nosso Senhor é Quem deu a tudo sua forma e em seguida dirigiu.

E o que foi das gerações passadas?

Meu Senhor o sabe e está num Livro.

Meu Senhor não erra, nem esquece.”

Donde, a recomendação do Altíssimo (20, 42):

“Vê acompanhado de teu irmão com Meus sinais e não descuideis de recordar-me”.

É interessante observar que muito antes do surgimento do Alcorão, a língua árabe já designava o ser humano por **insán** (derivado de **nassa**/esquecer), isto é, *aquele que esquece*. Em capítulo alusivo¹⁸, Lauand refere-se à universalidade da idéia do ser humano como *esquecedor*, apontando referências significativas dessa concepção também no Ocidente. Conclui com Píndaro *“que o remédio para esse ser esquecedor é a Arte”*. Refere-se ainda ao Oriente que, *vis-à-vis* dessa questão, desenvolveu *“a pedagogia do **dhikr**, a pedagogia do lembrar, a pedagogia baseada na repetição, no decorar (...)”*, que aponta ao homem desorientado, os meios para submeter-se à direção (**hud**) de Deus.

Tais soluções estão claramente contidas na Caligrafia, na medida em que escrita e arte conjugam-se em favor da lembrança e da perenização da Palavra.

Como corpo da Revelação, a Caligrafia (**khat**) é a própria identidade do Islão, exercendo-se como elo entre a Natureza e o Alcorão — os dois livros de Deus¹⁹ — ao plasmar os sinais de Deus em seu duplo sentido: sendo abstrata é, em certa medida, figurativa, visto ser a própria encarnação do Verbo; sendo visível presença da divina palavra, remete ao Invisível (**Ghayb**); sendo encantamento para os olhos, é música para a alma; participando da limitada dimensão humana, conduz à inexaurível perfeição do plano divino.

Recebido para publicação em 11-04-19; aceito em 14-05-19

¹⁸. “Al-Insan, o Homem, esse grande esquecedor” — *Oriente e Ocidente - língua e mentalidade*, op. cit., p. 41 e ss.

¹⁹. Retomando a admirável expressão de Flusser.